

RELIGIÃO E GÊNERO NA GEOGRAFIA: Desafios contemporâneos em tempos de Neoconservadorismo e de Cibercultura

RELIGION AND GENDER IN GEOGRAPHY: Contemporary challenges in time of Neoconservatism and Cyberculture

RELIGIÓN Y GÉNERO EM LA GEOGRAFÍA: Desafíos contemporáneos en tiempos de Neoconservadurismo y Cibercultura

RESUMO


Este estudo examina a intersecção entre religião, gênero e espaço geográfico no contexto contemporâneo, marcado pela ascensão do neoconservadorismo e o impacto do ciberespaço. O objetivo principal é compreender as dinâmicas do grupo “Mulheres com Bolsonaro”, que emergiu durante as eleições de 2018, defendendo valores conservadores em redes sociais. A metodologia combina levantamento bibliográfico sobre Geografia da religião, estudos de gênero e a análise do discurso em um contexto digital. Os resultados destacam a instrumentalização da religião como ferramenta de controle de gênero, reforçando hierarquias patriarcais e promovendo discursos antifeministas e antiprogressistas. O ciberespaço se configura como um território simbólico para a mobilização política, onde discursos antifeministas, anticomunistas e antigênero são amplificados. A análise também revela a centralidade das redes sociais na formação de identidades conservadoras e na disseminação de narrativas que vinculam religião e política a valores tradicionais. Conclui-se que a intersecção entre religião e gênero molda dinâmicas espaciais e culturais, perpetuando desigualdades e resistências. A Geografia da religião, ao incorporar a perspectiva de gênero, contribui para desvelar as complexas relações de poder e identidade no espaço contemporâneo.


Palavras-chave: Religião; gênero; geografia; ciberespaço; neoconservadorismo.

ABSTRACT

This study examines the intersection of religion, gender, and geographic space in the contemporary context, marked by the rise of neoconservatism and the impact of cyberspace. The main objective is to understand the dynamic of the group “Women with Bolsonaro”, which emerged during the 2018 elections in Brazil, advocating conservative values on social media platforms. The methodology combines a bibliographic review on the Geography of Religion and Gender Studies with discourse analysis in a digital context. The findings highlight the instrumentalization of religion as a tool for gender control, reinforcing patriarchal hierarchies and promoting antifeminist and anti-progressive discourses. Cyberspace emerges as a symbolic territory for political mobilization, amplifying antifeminist, anticommunist, and anti-gender narratives. The analysis also underscores the centrality of social media in shaping conservative identities and disseminating narratives that link religion and politics to traditional values. The study concludes that the intersection of religion and gender shapes spatial and cultural dynamics, perpetuating inequalities and resistance. By incorporating a gender perspective, the Geography of religion contributes to unveiling the complex relations of power and identity in contemporary Spaces.

Keywords: Religion; gender; geography; cyberspace; neoconservatism.

 Zeny Rosendahl ^a

 Victoria Vicente Rodrigues
Lopes ^b

^a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2024.88485

Correspondência:

zeny.rosendahl@gmail.com
lopesvvr@gmail.com

Recebido em: 09 fev. 2024

Revisado em: 10 out. 2024

Aceito em: 20 dez.2024



RESUMEN

Este estudio examina la intersección entre religión, género, y espacio geográfico en el contexto contemporáneo, marcado por el auge del neoconservadurismo y el impacto del ciberespacio. El objetivo principal es comprender las dinámicas del grupo “Mujeres con Bolsonaro”, que emergió durante las elecciones de 2018 en Brasil, defendiendo valores conservadores en las redes Sociales. La metodología combina una revisión bibliográfica sobre la Geografía de la Religión, los Estudios de Género y el análisis del discurso en un contexto digital. Los resultados destacan la instrumentalización de la religión como herramienta de control de género, reforzando jerarquias patriarcales y promoviendo discursos antifeministas y antiprogressistas. El ciberespacio se configura como um território simbólico para la movilización política, donde se amplifican discursos antifeministas, anticomunistas y antigénero. El análisis También revela la centralidade de las redes Sociales em la formación de identidades conservadoras y em la difusión de narrativas que vinculan religión y política com valores tradicionales. Se concluye que la intersección entre religión y género moldea dinâmicas espaciales y culturales, perpetuando desigualdades y resistências. La Geografía de la religión, al incorporar la perspectiva de género, contribuye a desvelar las complejas relaciones de poder e identidade em el espacio contemporáneo.

Palabras-clave: Religión; género; geografía; ciberespacio. neoconservadurismo.



INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a busca para o entendimento da categoria gênero nos estudos da diversidade religiosa no contexto da contemporaneidade. Tal reflexão representa a continuidade com os estudos já realizados no NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura/UERJ, em colaboração com o grupo de pesquisas sobre gênero e sexualidade em Geografia, o GEOCorpo / UERJ.

Esta pesquisa será desenvolvida em duas etapas distintas. Na primeira, serão priorizados os procedimentos teórico-metodológicos relacionados ao estudo. Na segunda etapa, será tratado o exemplo empírico que versa sobre a construção do conhecimento científico no campo da ciência geográfica, apresentando a discussão gênero-religião-política, em torno do movimento “Mulheres com Bolsonaro”. Tal movimento, composto exclusivamente por mulheres, surge em 2018 no *Facebook*, no momento das eleições presidenciais entre os candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Esse movimento caracteriza-se pela defesa de pautas conservadoras, especialmente nos temas relacionados à religião, à família e à política.

Destacamos a importância do ciberespaço para o surgimento de novas dinâmicas religiosas, considerando-o um espaço privilegiado para a expressão e desenvolvimento de ideias e crenças, inclusive para dispersão de discursos extremistas conservadores e, como espaço de fortalecimento de mobilização política de mulheres conservadora.

METODOLOGIA E TÉCNICA NA TEMÁTICA ESCOLHIDA

Ao privilegiar estratégias religiosas e analisar as possíveis mudanças no comportamento religioso das mulheres, a comunicação virtual se apresenta como uma ferramenta significativa para a ampliação do conhecimento sobre a fé. A metodologia aplicada considera a *Dinâmica da fé* em relação ao lugar e às temporalidades simbólicas que fundamentam as identidades religiosa, cultural e política, abordando o lugar como um conceito geográfico central. Além disso, a vivência no território complementa e enriquece essas reflexões, integrando práticas e experiências concretas ao estudo.

De acordo com Rosendahl (2018), a territorialidade é caracterizada como uma ação individual, coletiva ou institucional que tem em vista exercer controle e influência sobre pessoas, fenômenos e relações, para dominar uma área. O reconhecimento da territorialidade, seja ela religiosa ou não, permite compreender o território como resultado da apropriação por meio de práticas ou crenças específicas. Nesse contexto, o território religioso caracteriza-se como uma área dotada de significados espirituais, culturais e sociais para as comunidades religiosas, englobando locais sagrados, espaços de cultos, rituais e paisagens culturais. Esse tipo de território reflete a influência da religião na formação da identidade e na vivência dos grupos sociais, sendo constituído por práticas, tradições e pela relação das pessoas com o sagrado (Rosendahl, 2018).



Ao interpretar a fé em sua espacialidade reconhecemos como categoria de análise que se manifesta sob a forma de hierofania no espaço (Eliade, 1991); revela-se com um dom carismático que a pessoa ou objeto possui (Weber, 1964) e se impõe, por ele mesmo (Durkheim, 1968; Berger, 1985). A revelação do divino ocorre como uma categoria da sensibilidade que envolve discriminação e ordem (Douglas, 1976). A essência do sagrado é vivência, pelo devoto, com sentimento total de respeito e confiança (Otto, 1962; Wunenburger, 1996). A metodologia aplicada reconhece essas qualidades do acontecer a espacialidade da fé e reconhece os lugares como lugares criados pela ocupação humana dos espaços e pelo uso dos símbolos para transformar o espaço em lugar (Norton, 2000; Beck, 2001; Claval, 2008; Bonnemaïson, 2012; Rosendahl, 2018).

Considerando que a fé transcende a experiência interna e se manifesta no mundo físico e social, influenciando diretamente a organização do espaço, torna-se essencial analisar as dinâmicas religiosas no contexto hipermoderno. A absolutização do presente imediato, resultante da compressão espaço-temporal, constitui uma das principais consequências do processo de globalização e da revolução dos meios informacionais (Harvey, 1993; Lipovetsky, 2004). Assim, a expansão das tecnologias de informação e telecomunicações, como a tecnologia de “nós”, juntamente com a evolução dos equipamentos eletrônicos, culminaram na invenção da *internet* (Castells, 2002). Por meio da *internet*, um novo espaço se inaugurava, o ciberespaço, este permitindo relações que independem do tempo e de um espaço concreto (Levy, 1999).

Consideramos as concepções do ciberespaço como: dimensão socioespacial da sociedade em rede (Silva e Tançman, 1999), onde as relações sociais são definidas por meio dos fluxos; dimensão da realidade complexa entre homem e natureza (Silva, 2013), entendendo o papel da técnica enquanto elemento cultural de intervenção no espaço. Assim, o ciberespaço apresenta algumas características importantes: (a) *interconectividade* - permite a comunicação com diferentes pessoas em diferentes lugares em tempo real (Levy, 1999); (b) *virtualidade* - as interações não requerem a presença física dos indivíduos (Overby, 2008); (c) *multimídia* - integra diversos tipos de mídias em uma única plataforma (Jenkins, 2009); (d) *formação de rede* - aglutina pessoas por interesses em comunidades (Castells, 2002); (e) potencial para criação e circulação de informações (Faustino, 2018).

Diante das transformações sociais contemporâneas, Oliveira (2017) argumenta que a religião necessitou inovar e desenvolver estratégias para manter sua relevância e conexão com os fiéis, incluindo a adoção de uma presença significativa nas mídias digitais. As mídias digitais, incluído as redes sociais, desempenham papel crucial na disseminação da fé, transformando a experiência religiosa em algo mais acessível e interativo (Oliveira, 2017). Essa adaptação permite uma nova dinâmica na prática religiosa, onde



a presença online se torna um espaço de dominação espiritual e social, refletindo a crescente importância do virtual na vida cotidiana das pessoas.

O agrupamento de indivíduos com interesses comuns ocorre tanto em espaço considerados “reais” quanto nos ambientes virtuais. No ciberespaço, formam-se múltiplos territórios onde grupos sociais utilizam fluxos informacionais para expandir seu domínio nas redes (Silva, 2013). Isso resulta na constituição de ciberterritórios. Assim como no território material, no ciberespaço é necessário considerar as estratégias de uso e manutenção, interesses, ações e conflitos sociais influenciam a formação de múltiplas territorialidades (Carvalho, 2010; Staloch & Reis, 2015). A apropriação de ciberterritórios por movimentos sociais abre espaço para as redes se tornarem um espaço de luta e uma dimensão participativa.

As mídias sociais conseguem atuar como instrumentos de propagação de ideologias, “Essa tecnologia digital lhes proporcionou a capacidade não apenas de construir discursos de ódio, mas também de disseminá-los para um público muito amplo e de forma instantânea” (Trindade, 2022, p. 77). Assim, o ciberespaço é um local privilegiado para a manifestação e o desenvolvimento de ideias, opiniões, crenças e convicções políticas, considerando que as redes amplificam questões sociais, permitindo que usuários transitem entre crenças diversas, inclusive contraditórias, como o movimento “Mulheres com Bolsonaro”.

Alinhadas ao pensamento religioso cristão, essas mulheres assumem o papel que lhes é atribuído dentro desse sistema religioso, reproduzindo os princípios patriarcais. Nesse contexto, atribuem a si mesmas a missão de combater os supostos males do feminismo, de reconduzir seus maridos ao protagonismo social e proteger os filhos, a família e a sociedade da corrupção moral. Dessa forma, a exaltação da família e a reafirmação dos papéis tradicionais de gênero assumem um caráter de espiritualidade, devoção religiosa e engajamento militante. Assim, nossas investigações ressaltam a vivência da fé nos processos de transformações das práticas religiosas que marcam distintos grupos religiosos femininos em suas práticas de fé neste século XXI.

O geógrafo e a geógrafa que quer estudar a fé ou a religião, antes de escolher qual metodologia de pesquisa irá aplicar, deve ter domínio de três possíveis caminhos: (i) o primeiro, o geógrafo deve ir além do visível! Caminhar com as emoções e os significados de *ver e sentir* a prática da fé no espaço. Essa perspectiva considera que os lugares sagrados não são apenas uma série de dados acumulados ao longo do tempo, mas também carregam dimensões simbólicas e afetivas que contribuem para sua compreensão (Rosendahl, 2014). No segundo caminho, (ii) ter conhecimento do comportamento humano individual e/ou coletivo em sua organização da fé no espaço e, (iii) deve considerar em suas interpretações a dialética existente entre a religião e o ambiente.



Completando esse apoio teórico-metodológico, é necessário relacionar e analisar os símbolos, os significados e os sinais contidos no comportamento do devoto em sua prática da fé.

A análise empírica avança com os estudos de Harvey (1980) e Mills (1975) em suas reflexões: “A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida humana” (Mills, 1975: 11–2). Ao geógrafo britânico David Harvey, a imaginação geográfica é a consciência espacial. “Esta imaginação habilita o indivíduo a reconhecer o papel do espaço e do lugar em sua própria biografia” (Harvey, 1980: 14). Assim, para compreender as ações humanas e as dinâmicas sociais, é preciso considerar tanto o tempo histórico quanto o espaço geográfico como dimensões complementares.

Considerando o contexto histórico e político do Brasil de ascensão da extrema-direita, mulheres conservadoras desempenham um papel de destaque, especialmente na mobilização política em redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Telegram* e *WhatsApp*. No ciberespaço, essas mulheres, frequentemente oprimidas em ambientes religiosos e domésticos, encontram um espaço para expressar livremente suas convicções.

O viés interpretativo na pesquisa de Geografia e Gênero demanda um conhecimento especializado. Amplamente discutido e trabalhado no âmbito das ciências sociais e humanas, especialmente através das abordagens feministas, o conceito de gênero como categoria analítica permitiu intensificar a crítica ao modo de produção do conhecimento científico, tradicionalmente centrado em uma perspectiva androcêntrica. Isabel Margarida André (1990) analisa a incorporação do gênero na Geografia, destacando mudanças teórico-metodológicas. Desde os anos 1980, o gênero tornou-se uma categoria central nos estudos sobre desigualdades sociais e suas relações com o espaço. As relações de gênero passaram a ser vistas como estruturantes das sociedades, abrangendo esferas públicas e privadas, destacando as interações entre poder, identidade, desigualdade e espaço, ampliando o campo de análise da Geografia. A inclusão do gênero na Geografia questionou dicotomias tradicionais como produção/reprodução e público/privado, consideradas insuficientes para explicar a complexidade social e espacial. A abordagem feminista destacou desigualdades de gênero, trabalho doméstico, relações entre patriarcado, capitalismo e território, ampliando a análise geográfica ao integrar dimensões sociais e culturais (André, 1990).

A seguir, no Quadro 1, apresentamos algumas das geógrafas que desenvolveram trabalho relevante sobre a temática de gênero, são estas:



Quadro 1. Geógrafas e Pesquisas em Gênero.

Geógrafas e Ano de publicação	Críticas à Geografia	Contribuições e Conceitos principais
Janice Monk e Susan Hanson (1982)	<ul style="list-style-type: none">- Viés sexista da Geografia- Desconsideração do gênero como variável analítica- Negligência das experiências femininas pela abordagem positivista- Perpetuação de uma “cegueira de gênero”	<ul style="list-style-type: none">- Integração das perspectivas femininas na Geografia- Uso de metodologias qualitativas (diários, memórias) para compreender as realidades femininas- Formulação de políticas públicas para a equidade de gênero
Gillian Rose (1993)	<ul style="list-style-type: none">- Reprodução de pressupostos masculinos na Geografia- Exclusão das mulheres como autoras e sujeitas de estudo- Dicotomia que marginaliza mulheres como produtoras de conhecimento	<ul style="list-style-type: none">- Conceito de “espaço paradoxal”- Reconhecimento de exclusão e resistência feminina no espaço- Defesa de uma Geografia crítica que aborde desigualdade de gênero na epistemologia e metodologia- Expansão da análise espacial para reconhecer a diversidade e complexidade das identidades femininas
Rosa Esther Rossini (1993)	<ul style="list-style-type: none">- Invisibilidade do trabalho reprodutivo- Negligência das mulheres na análise geográfica tradicional- Impacto negativo da modernização agrícola na condição das mulheres no trabalho rural	<ul style="list-style-type: none">- Análise das dinâmicas do trabalho feminino rural e o gênero na organização espacial- Inclusão do gênero como construção social nas análises espaciais- Importância do trabalho feminino na produção e reprodução do espaço
Doreen Massey (1994)	<ul style="list-style-type: none">- Visão de lugares como territórios fixos e homogêneos- Reforço de hierarquias de poder e papéis de gênero- Associação do espaço público ao masculino e do privado ao feminino	<ul style="list-style-type: none">- Conceito de “<i>social relations stretched out</i>”- Proposta de um espaço dinâmico, socialmente construído- Análise da interação entre espaço, globalização, identidade e desigualdade de gênero
Susana Maria Veleda da Silva (1998)	<ul style="list-style-type: none">- Crítica à Geografia tradicional como ciência neutra e androcêntrica, tratando espaço de forma homogênea e assexuada- Ignorância das relações de gênero na produção do conhecimento geográfico.	<ul style="list-style-type: none">- Integração do gênero como categoria analítica- Uso de estudos do cotidiano para revelar desigualdades socioeconômicas e possibilidades de superação- Defesa da revisão dos valores implícitos na escolha de objetos de estudo e formulação teórica
Linda McDowell (1999)	<ul style="list-style-type: none">- Visão tradicional de lugares fixos e estáveis- Exclusão de perspectivas interseccionais na produção do espaço	<ul style="list-style-type: none">- Introdução do conceito de “mapas de gênero” para descrever as dinâmicas de poder espaciais- Enfatizou o corpo como espaço geográfico que inscreve normas de gênero- Propôs uma abordagem fluida e inclusiva das relações entre espaço e gênero
Mona Domosh e Joni Seager (2001)	<ul style="list-style-type: none">- Espaço neutro- Crítica a Geografia tradicional por desconsiderar experiências femininas e relegar o gênero a uma posição secundária	<ul style="list-style-type: none">- Análise das interações entre espaço público e privado- Proposta de abordagem multiescalar para entender como o gênero influencia o espaço desde o doméstico até o global- Reflexão sobre as relações entre espaço, poder e identidade de gênero.
Ivaine Maria	<ul style="list-style-type: none">- Analisou como os discursos educacionais em materiais didáticos reforçam hierarquias de gênero e	<ul style="list-style-type: none">- Integração de marcadores como geração, etnia e Gênero na análise de hierarquias



Tonini (2002)	estereótipos - Crítica à matriz territorial binária nos livros didáticos	discursivas - Defesa de uma abordagem mais inclusiva e pluralista no ensino de Geografia
Joseli Maria Silva (2003)	- Exclusão das mulheres na produção do conhecimento geográfico - Resistência da Geografia brasileira em integrar estudos feministas	- Abordagem interseccional entre gênero, classe e raça - Integração do gênero como categoria de análise para revelar dinâmicas de poder no espaço e transformar a sociedade - Espaço como local de resistência feminina em territórios dominados por homens
Katherine McKittrick (2006)	- Invisibilização de mulheres negras na Geografia tradicional - Perspectiva eurocêntrica que desumaniza corpos e identidades negras	- Conceito de “Geografias alternativas” criadas por mulheres negras - Reconfiguração de espaços de opressão em territórios de resistência - Conexão entre estudo das diásporas negra e Geografia Humana - Integrar subjetividades negras da produção do conhecimento geográfico
Ruth Gilmore (2007)	- Sistema prisional como um mecanismo de controle racial e de gênero - Uso das prisões como solução geográfica para problemas sociais e econômicos	- Estudo sobre o impacto desproporcional das prisões sobre mulheres negras e comunidades marginalizadas - Contribuição significativa para debates sobre interseccionalidade, justiça social e reforma carcerária.
Gill Valentine (2007)	- Falta de análise interseccionais na Geografia feminista - Foco exclusivo no gênero, ignorando raça, classe e sexualidade	- Abordagem interseccional para a análise geográfica - Conexão entre teoria de identidade e espaço - Identidade não são fixas, emergem de interações e sistemas de poder - Promoção de uma compreensão politicamente engajada das experiências humanas no espaço

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

O quadro 1 apresenta as preocupações das geógrafas quanto a temática de gênero. Destacam-se críticas ao viés androcêntrico na Geografia, como a exclusão das mulheres, o espaço tratado como neutro e a dicotomia público/privado. Aponta avanços com a inclusão do gênero, raça e classe como categorias analíticas, metodologias qualitativas e conceitos como “espaço paradoxal”, “Geografias alternativas” e “mapas de gênero”, promovendo novas epistemologias e uma abordagem crítica do espaço e do conhecimento.

O enfoque feminista na área revelou como as relações de gênero apresentam características diversas, dependendo dos espaços e escalas analisados. Paralelamente, considerando a ascensão do movimento conservador no Brasil, a abordagem da Geografia da religião, conforme argumenta Rosendahl (2012), possibilita uma reflexão aprofundada sobre a experiência religiosa de indivíduos e grupos sociais, bem como sobre a construção de espaços ligados ao sagrado. Nesse sentido, nossos estudos visam contribuir para o enriquecimento da área, com base na análise do grupo do *Facebook* “Mulheres com Bolsonaro” e de sua mobilização política nas redes sociais.



A criação de um perfil fictício para fazer parte da rede privada das mulheres bolsonarista, o levantamento de postagens, comentários e mensagens foram etapas necessárias para a análise do discurso digital da rede. A análise do discurso digital, conforme proposta por Marie-Anne Paveau (2017), considera não apenas o texto, mas também o seu ambiente e o lugar social em que está inserido. Essa abordagem ultrapassa a dicotomia tradicional entre o objetivo e o subjetivo, reconhecendo que, embora os dados gerados por máquinas possam aparentar objetividade técnica, os dados dos usuários que interagem com essas tecnologias são profundamente influenciados pela subjetividade desses indivíduos. Paveau argumenta que a *internet* reconfigura os lugares sociais, conferindo-lhes uma dimensão relacional que impacta de forma inédita a circulação dos enunciados. No âmbito dessa teoria, discursos digitais são definidos como o conjunto de produções verbais elaboradas no ambiente *online*, independentemente dos dispositivos, interfaces, plataformas ou ferramentas de escrita utilizados (Paveau, 2017, p.8).

A leitura de vários estudos teóricos torna-se fundamental ao sucesso da análise na pesquisa. A diversidade dos agentes modeladores como: idade, gênero, raça, ocupação familiar, profissão e outros devem ser priorizados. A escolha do método qualitativo é fundamental à pesquisa. Estudos contínuos na temática da fé e gênero permitiu elaborar, no século XXI, ligações com dimensões da vida social do devoto. Rosendahl (2003:2009) nos conduz a três possíveis temas da espacialidade da fé: (i) a dimensão econômica que abrange a mercantilização dos bens simbólicos; (ii) a dimensão política em que se reconhece as estratégias político-religiosa das instituições à gestão da fé; (iii) a dimensão do lugar simbólico e seus significados nas práticas religiosas, na diversidade da difusão da fé e na pluralidade de identidades religiosas.

Enfocaremos a dimensão política do fenômeno religioso e sua manifestação espacial no ciberespaço, analisando como essas dinâmicas contribuem para a mobilização e organização social em ambientes digitais. Parte-se do pressuposto de que a religião, embora atribua um papel subalternos a essas mulheres, possibilita sua atuação política, desde que voltada à defesa dos princípios e valores morais cristãos. Assim, a intersecção entre os estudos da Geografia da Religião e a temática de Gênero revela estratégias de controle e domínio sobre os corpos femininos, instrumentalizando-os como ferramentas políticas.

A religião é um dinamizador social que molda e é moldada pela cultura, relações e práticas socioespaciais. Ela opera como um sistema sociocultural que rege a sociedade, envolvendo trocas simbólicas e interesses (Souza, 2004). Geertz (1989) concebe a cultura como uma teia de significados construídos pelo próprio ser humano, a qual orienta práticas e condutas sociais por meio de normas, valores, discursos e identidades. Nesse contexto, a religião é um sistema cultural que auxilia os indivíduos a se alinharem com uma ordem maior do universo, incorporando essa ordem à vida cotidiana. Isso ocorre porque, ao praticar sua fé, os indivíduos expressam o *ethos* ou personalidade coletiva de seu grupo. Esse *ethos* reflete um estilo

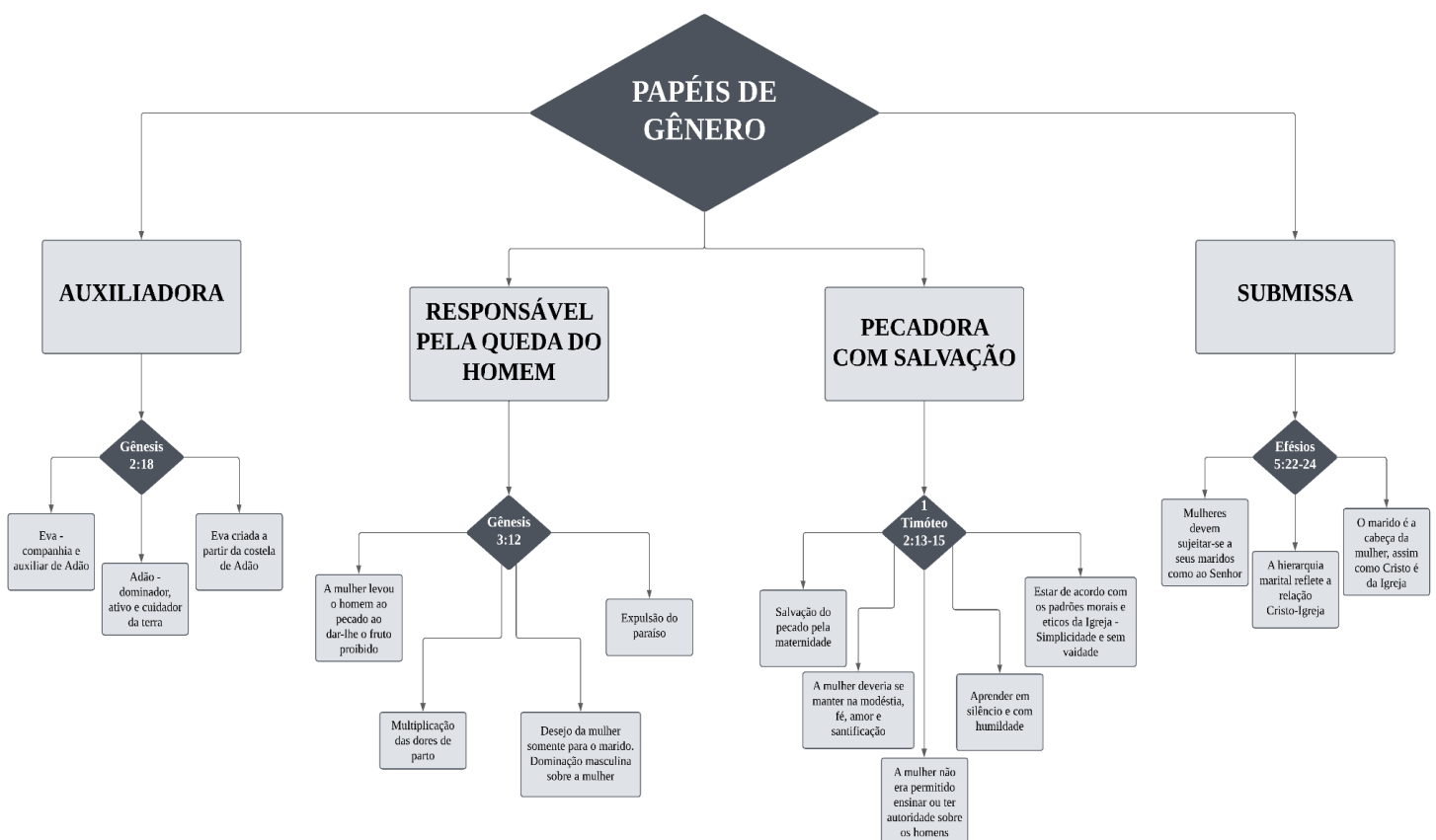
de vida ideal, moldado pela visão de mundo compartilhada pelo grupo, que gera uma crença emocional na veracidade de determinados valores e princípios (Geertz, 1989).

Stuart Hall (2003) analisa como a cultura é controlada e regulada por diversas forças, incluindo o Estado, o mercado, a política e as estruturas de poder. A cultura exerce o papel de um poder simbólico discursivo, funcionando como um mecanismo capaz de influenciar, moldar, direcionar e, ao mesmo tempo, restringir as ações humanas (Hall, 2003). Da mesma maneira, a religião pode ser uma forma de poder, tanto no sentido de que pode ser usada para exercer controle sobre os outros, quanto no sentido de que pode dar aos indivíduos um sentimento de empoderamento (Geertz, 2001).

Assim, a delimitação dos papéis de gênero baseados numa concepção literal da bíblia sagrada tem forte influência na normalização de práticas que atentam para a subordinação das mulheres ao sistema patriarcal e pelo controle das ações e do corpo feminino.

A seguir, no diagrama 1, esquematizamos quatro papéis de gênero fundamentais levantados a partir da Bíblia sagrada:

Diagrama 1. Papéis de Gênero segundo a Bíblia Sagrada.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).



A religião desempenha um papel central na construção de papéis de gênero e no controle do corpo feminino, conforme evidenciado do diagrama 1. O relato da criação em Gênesis 2:18 apresenta a mulher como “ajudadora idônea”, subalterna ao homem, retratado como dominador e protetor. Esse modelo reforça uma hierarquia de gêneros, com a mulher desempenhando funções auxiliares. Em Gênesis 3:12, a narrativa da queda coloca a mulher como responsável pelo pecado original, resultando em punições, como a dor no parto e a submissão ao marido, estabelecendo um controle religiosos sobre a sexualidade e o corpo feminino.

Outras passagens do Novo Testamento reforçam essas dinâmicas. Em 1 Timóteo 2:13-15, a salvação da mulher é condicionada à maternidade e à conformidade com padrões de modéstia e submissão, enquanto Efésios 5:22-24 enfatiza a sujeição da mulher ao marido, comparando essa relação à Igreja com Cristo. Esses textos consolidam uma hierarquia que posiciona o homem como líder espiritual e protetor, legitimando o controle sobre o corpo e as escolhas femininas, muitas vezes vinculando-as à sua função reprodutiva.

A bíblia tem sido utilizada como base para o fundamentalismo bíblico, marcado pela exaltação das escrituras e sua interpretação literal (Prazeres, 2021). Esses discursos utilizam a bíblia para justificar posições conservadoras e defendendo uma moral baseada na visão de uma família tradicional, heteronormativa, onde a mulher é subordinada ao homem. O discurso religioso é rigidamente cristalizado, sendo entendido como a própria palavra divina, como exemplificado em Mateus 24:35: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”. Observa-se aqui a ideia de que, embora o mundo e a sociedade estejam em constante mudança, as palavras e ordenanças de Deus são consideradas imutáveis. Essa rigidez discursiva confere valores e significados que naturalizam tais preceitos nos comportamentos cotidianos dos féis, inclusive a violência de gênero, a legitimação da dominação masculina e estigmatização de identidades LGBTQIAPN+.

As estruturas de dominação são perpetuadas historicamente por agentes que utilizam violência física e simbólica em instituições como família, igreja, escola e estado. Nesse contexto, os dominados, por compartilharem instrumentos de conhecimento derivados da relação de dominação, acabam percebendo-a como natural (Bourdieu, 2012). Sendo assim, entendemos a religião e a Igreja como um agente disciplinador do corpo feminino. Foucault (1987) afirma que a disciplina é interiorizada por meio do medo, do julgamento e da destruição. As técnicas disciplinares submetem os corpos a dispositivos de poder e saber, baseados na vigilância contínua, na normalização dos comportamentos e, na prática de exames, tornado os indivíduos em corpos dóceis.



Historicamente, o papel da mulher é associado à família, onde cada membro desempenha uma função específica. Sob influência do poder da Igreja nas sociedades ocidentais, a mulher foi e, é submetida a um processo de docilização, que a posiciona como submissa ao marido e a enquadra no ideal de “bela, recata e do lar”. Desde a infância, discursos reproduzidos nas igrejas ensinam a mulher a ser uma boa esposa e mãe, dedica à casa e os afazeres domésticos. O cumprimento desse papel é valorizado como sinal de sabedoria, enquanto o fracasso é punido com julgamento e culpabilização, como exemplificado em Provérbios 14:1: “Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos”. Nesse sentido, a mulher pode ser vista como um corpo docilizado pela religião, tão docilizado que chegam a renunciar à luta por seus direitos.

O movimento feminista desafia os papéis de gênero tradicionais. Por esse motivo, feministas são alvo de ataques de líderes religiosos, que não reconhecem feminilidades divergentes como legítimas. Para esses líderes, feministas são vistas como pecadoras, ao rejeitarem a submissão ao homem e ao papel atribuído por Deus. Apesar dos avanços, o cristianismo no Brasil ainda impede o progresso feminista, ao promover papéis de gênero que subjagam as mulheres aos homens, com base no sexo biológico e na condição de pecadoras. A aliança entre religião e política contribui significativamente para manter essa desigualdade.

A pesquisa *Mulheres Evangélicas, política e cotidiano*, conduzida pelo Instituto de Estudos da Religião — ISER (2022), evidencia a complexidade do engajamento religioso dessas mulheres, suas percepções sobre o papel do Estado no bem-estar social e seus posicionamentos políticos. A maioria das mulheres, no contexto do tema do voto, entende o ato de votar como uma escolha individual e reflexiva, demonstrando independência em relação às influências de pastores e familiares.

Em relação à figura de Jair Bolsonaro, as participantes da pesquisa o enxergam como um exemplo de sinceridade, apesar de reconhecerem suas falhas, refletindo uma humanização do político. O estudo também revelou diferenças geracionais na percepção sobre Bolsonaro: enquanto mulheres acima de 30 anos apresentaram maior afinidade e justificativas de voto a seu favor, aquelas com menos de 30 anos expressaram narrativas de decepção em relação ao presidente. A figura de Michelle Bolsonaro é amplamente vista como um modelo de inspiração. As entrevistadas valorizam sua trajetória pessoal, destacando seu papel como mãe, esposa e mulher que superou desafios, o que a torna uma figura identificável e admiradas por muitas delas.

Essas mulheres obtêm informações políticas predominantes por meio de interações em grupos familiares, nos quais discutem questões políticas e trocam informações. Em sua maioria, elas não compartilham o conteúdo recebido, utilizando-o apenas como fonte de conhecimento pessoal. Além disso, mencionam o uso de mídias, com destaque para vídeo compartilhados via *WhatsApp*, como uma importante

ferramenta de acesso à informação. Entre as entrevistadas de mais idade, foi apontado o hábito de assistir debates eleitorais como parte de sua busca por informações políticas.

Dessa forma, considerando o papel crucial das redes sociais como meio de informação e mobilização política, passamos a caracterizar o grupo de apoiadoras de Jair Bolsonaro. Serão apresentados, a seguir, a dinâmica de funcionamento desse grupo e as principais discussões promovidas por essas mulheres nas redes sociais.

CIBERTERRITORIALIDADE CONSERVADORA: A atuação das “Mulheres com Bolsonaro” no Facebook

O grupo “Mulheres com Bolsonaro (OFICIAL)” — MCB, surge em setembro de 2018 no âmbito do *Facebook*. O MCB nasce fazendo oposição política às mulheres feministas que mobilizaram as redes por meio do movimento #EleNão, onde teve a adesão de milhares de mulheres, inclusive atrizes e personalidades da Rede Globo de Televisão.

Tal grupo reúne apoiadoras do governo e da figura de Jair Messias Bolsonaro. É possível encontrar outros grupos com o mesmo nome no *Facebook*, no entanto, o “Mulheres com Bolsonaro (OFICIAL)” é o mais expressivo em números de participantes, composto atualmente por mais de 1,4 milhão de mulheres.

Figura 1. Capa do grupo Mulheres com Bolsonaro Oficial.



Fonte: Retirado do *Facebook* (2018).

A figura 1 é a capa do grupo MCB. A imagem é composta pelo título do grupo estilizado com a coloração rosa, reforçando a associação cultural com o feminino, visando atrair mulheres como o público-alvo específico. Ao fundo aparece a figura de Jair Bolsonaro segurando a Bandeira do Brasil, conectando a imagem ao discurso nacionalista, frequentemente associado à identidade política de Bolsonaro. Além disso, Bolsonaro em posição de vitória, por meio de gestos expansivos junto a bandeira, remete a ideia de liderança e defesa dos valores patrióticos.

O acesso ao conteúdo produzido é restrito a seus membros, uma vez que se trata de um espaço privado. Como o grupo bolsonarista admite somente mulheres alinhadas ao projeto e às pautas de governo,



foi necessário criar um perfil fictício que simulasse a identidade de uma mulher conservadora para possibilitar a entrada e a observação desse território.

Até outubro de 2021, a biografia do grupo apresentava uma descrição informativa que sintetizava sua composição, propósito e público-alvo. Nela, o grupo era destinado a “mulheres de fibra e corajosas”, destacando que essas participantes não consideravam o feminismo necessário em suas vidas. A finalidade do grupo era explicada como apoio à figura do então Presidente da República, Jair Bolsonaro, referido como “Capitão Bolsonaro”, e à defesa de uma visão idealizada de um “Brasil melhor”.

Após as eleições de 2022, que resultaram na derrota de Bolsonaro, a descrição do grupo foi alterada. Até janeiro de 2023, o grupo passou a ser apresentado como o maior coletivo “EXCLUSIVAMENTE FEMININO” de apoio a Bolsonaro. A nova descrição enfatizava que o grupo surgiu visando eleger um governo honesto e conservador, comprometido com a defesa dos alicerces da sociedade ocidental. Além disso, reafirmava a existência de mulheres que apoiam Bolsonaro, destacando a representatividade desse segmento em sua base de apoio.

A descrição do grupo utiliza jargões amplamente difundidos no meio bolsonarista, como “NINGUÉM SOLTA A MÃO DO JAIR!!!”, uma apropriação da frase disseminada pela esquerda, “Ninguém solta a mão de ninguém”, no período pós-eleitoral de 2018, quando Jair Bolsonaro foi eleito. Além disso, destaca o slogan da campanha “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”. Esses elementos reforçam o alinhamento do grupo a uma visão conservadora, predominante cristã, associada a pautas consideradas patrióticas e à defesa da família tradicional. Tais aspectos evidenciam a adesão do grupo a valores e narrativas centrais ao bolsonarismo.

O controle do grupo é realizado por três administradoras, cujas idades variam entre 26 e 52 anos, e oito moderadoras de conteúdo, com idades entre 25 e 60 anos. Com base na análise dos perfis das redes sociais das administradoras e moderadoras, foram identificados quatro aspectos relevantes:

1. **Diversidade Geográfica e Social:** o perfil das administradoras e moderadoras evidencia uma representatividade geográfica diversificada, com integrantes provenientes de distintos estados do Brasil. Essa composição sugere um esforço em abranger diferentes regiões no âmbito do movimento. Contudo, observa-se uma concentração significativa dessas mulheres em grandes metrópoles da região sudeste.

Além disso, essas mulheres são predominantemente brancas e, a diversidade etária, abrange desde jovens adultas de 25 anos até mulheres mais experientes de 60 anos. Isto reflete a representação de múltiplas gerações, contribuindo para uma perspectiva intergeracional na condução das atividades do grupo.



2. Perfil religioso e conservador: a predominância de religiões cristãs, especialmente o evangelismo, reforça a ligação do grupo com valores religiosos conservadores.
3. Tradição e papel de gênero: o estado civil e a maternidade aparecem como fatores relevantes, refletindo uma ênfase em papéis tradicionais femininos (mãe e esposa). Mesmo as solteiras são destacadas em relação ao número de filhos.
4. Ausência de informação de profissionais: uma parcela das administradoras e moderadoras não teve suas profissões identificadas, o que pode indicar que a participação no movimento não está necessariamente vinculada à ocupação profissional. Esse aspecto sugere que o grupo valoriza outros critérios de engajamento, como interesses em comuns ou comprometimento com os objetivos do movimento.

A figura 2 contém as regras de funcionamento do grupo, nela há dez regras listadas, com orientações comportamentais e restrições para as participantes. As regras destacam a manutenção de um ambiente de apoio a Jair Bolsonaro, ordem e respeito no grupo.

Figura 2. Regras do MCB.

Regras dos administradores para o grupo	
1 É PROIBIDO # (HASHTAG) NO GRUPO! # HASHTAG # além de ser INÚTIL no facebook (SÓ FUNCIONAM NO TWITTER), em grupos fechados podem causar BLOQUEIO do grupo e do membro . Posts com hashtags (#) nas legendas não serão aceitos!!	6 PROIBIDO CONTEÚDOS VIOLENTOS OU SEXUAIS Qualquer pessoa que postar conteúdo explicitamente violento ou sexual será IMEDIATAMENTE BANIDA. Vamos manter o grupo limpo e o ambiente saudável e CONSERVADOR.
2 PROIBIDO FAKE NEWS!! Verifique SEMPRE a fonte antes de postar conteúdo no grupo. Em caso de dúvidas, NÃO COMPARTILHE ou PESQUISE antes de compartilhar. Vamos proteger nosso grupo de denúncias!	7 PROIBIDO VENDAS, DIVULGAÇÕES E PROPAGANDAS Esse grupo é em APOIO AO PRESIDENTE, não à sua loja, sua página ou sua igreja. TENHA BOM SENSO! Para CAMPANHAS E PEDIDOS DE AJUDA entre em contato com a ADM.
3 NÃO DENUNCIE POSTAGENS AO FACEBOOK Marque alguma MODERADORA ou ADM no post (a lista está no topo dos "membros do grupo"), ou clique na opção DENUNCIAR PARA A MODERAÇÃO. Denúncias para o Facebook prejudicam o grupo. VAMOS PROTEGÊ-LO!	8 POSTS PESSOAIS, REPETIDOS OU COM BAIXO ALCANCE REMOVEMOS posts de baixo alcance ou repetitivos para manter o grupo interessante e limpo. Postagens PESSOAIS como fotos, pedidos de likes, convites para lives, etc, NÃO SERÃO ACEITOS.
4 PROIBIDO BLOQUEAR AS ADM DO GRUPO Temos que ter acesso às INFORMAÇÕES PÚBLICAS DO PERFIL para controlar a QUALIDADE dos membros. Se bloquear ADM, será BANIDA.	9 O NOME DO GRUPO É MULHERES COM BOLSONARO OFICIAL! Aqui, só as verdadeiras MULHERES COM BOLSONARO!! Quem não estiver de acordo com essa regra, PODE SE RETIRAR, por gentileza! Quem comentar contra Bolsonaro será AUTOMATICAMENTE BANIDA!
5 PROIBIDO XINGAMENTOS E PALAVRAS DE BAIXO CALÃO Faz parte das REGRAS DO FACEBOOK e pode causar o BLOQUEIO do membro e do grupo. OFENSAS, XINGAMENTOS E PRECONCEITO de qualquer espécie NÃO SERÃO ACEITOS!	10 SEJA EDUCADA E GENTIL Brigas e discussões não serão toleradas DENTRO DO GRUPO. Deixe as tretas para o seu perfil pessoal ou para os grupos de discussão, esse grupo é para APOIO e DIVULGAÇÃO das ações do GOVERNO BOLSONARO.

Fonte: Retirado do Grupo privado.

As regras delimitam um ciberterritório, onde a participação exige adesão estrita aos princípios do grupo, especialmente no que tange à conduta dos membros e alinhamento ideológicos. Assim, classificamos as regras em quatro grupos:

1. Controle e Unidade Ideológica: as regras mostram a tentativa de homogeneização do grupo, onde não há espaço para críticas ou divergências ao grupo, ou à figura política de Bolsonaro. O tom

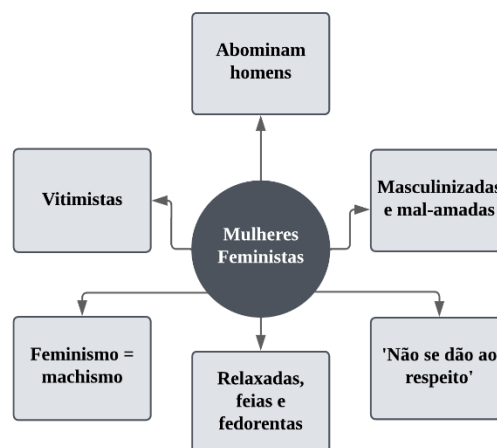
autoritário, com ameaças de banimento imediato para infratoras, reflete a necessidade de controle absoluto sobre a narrativa.

2. Proteção de identidade e discurso: a proibição de *fake news* e de conteúdos “inadequados” indica preocupação com a reputação do grupo e a manutenção de um discurso alinhado ao conservadorismo. A moderação rigorosa reflete um esforço de blindagem contra interferências externas ou internas.
3. Ambiente feminino conservador: as regras evocam valores de educação e gentileza, reforçando um comportamento tradicional e conservador associado ao papel feminino no grupo. Proibições e xingamentos e preconceitos destacam um esforço para preservar uma imagem de civilidade.
4. Exclusividade e fidelidade ao movimento: a menção explícita de que o grupo é de “apoio ao presidente” reforça a exclusividade do espaço como um nicho de fidelidade absoluta à figura de Bolsonaro.

Entendemos que o MCB reflete os ambientes físicos que essas mulheres vivenciam, estes caracterizados pelo conservadorismo, onde não há abertura para debates ou questionamentos sobre as regras e normas vigentes, especialmente as que recaem sobre as mulheres. Mesmo em um grupo que, em teoria, deveria promover o debate e valorizar a diversidade de perspectivas, a crítica é silenciada, e a obediência se torna a única postura aceita.

A seguir, esquematizamos por meio de quatro diagramas as principais pautas de debates e discussões mais predominantes no grupo das apoiadoras de Bolsonaro.

Diagrama 2. Pautas contra Mulheres Feministas.



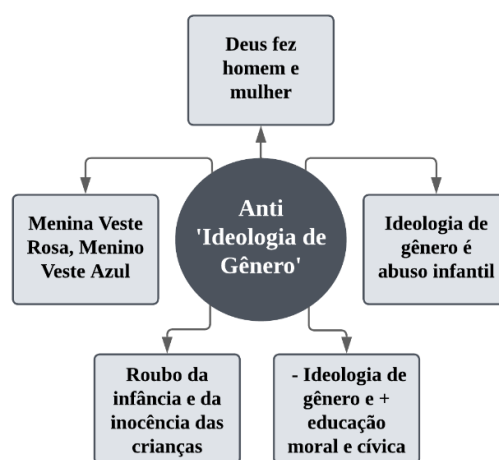
Fonte: Postagens e comentários do Grupo — MCB — Elaborado pelos autores (2024).

O diagrama 2 destaca estereótipos e críticas frequentemente associados ao antifeminismo. As categorias (“abominam homens”, “masculinizadas e mal-amadas”, etc.) são formulações simplistas que deslegitimam as pautas feministas ao atribuir características negativas às mulheres que aderem a esse movimento. Essas representações alinham-se ao discurso conservador, em que há a tentativa de reforçar valores tradicionais sobre os papéis de gênero. Essa retórica é consistente com a agenda do MCB, que rejeita o feminismo e as discussões sobre gênero, considerando-as ameaças aos “valores familiares.”

Assim, o MCB reforça estereótipos do feminismo como um movimento de “ódio aos homens” e, desconsidera a perspectiva histórica do feminismo como luta por igualdade de direitos, reduzindo-o a um antagonismo e minimizam as desigualdades estruturais que o feminismo combate, retratando as mulheres feministas como pessoas que “exageram” ou “se fazem de vítima”. Além disso, utilizam uma abordagem sexista que associa feministas a mulheres que fogem dos padrões de feminilidade tradicional e, por isso, seriam infelizes ou rejeitadas. Esse ataque superficial e preconceituoso utiliza insultos físico e higiênicos para deslegitimar a aparência e conduta de feministas, apelando para valores estéticos normativos.

Do ponto de vista de uma moral conservadora, vinculam o comportamento feminino a noções de honra e respeito, frequentemente usado para policiar as mulheres. O MCB, dessa forma, se apropria desses estereótipos para sustentar um discurso antifeminista e antigênero que tem em vista atrair mulheres para uma narrativa que reforça papéis tradicionais. A centralização de temas como “família”, “valores cristãos” e “patriotismo” permite validar esse tipo de retórica, contrastando o feminismo com a ideia de uma mulher que aceita as normas conservadoras.

Diagrama 3. Pautas Anti “Ideologia de Gênero”.



Fonte: Postagens e comentário do grupo MCB — Elaborado pelos autores (2024).

O diagrama 3 representa argumentos frequentemente utilizados em discursos conservadores com a chamada “Ideologia de Gênero”, tal terminologia é usada de maneira pejorativa para questionar iniciativas educativas e políticas que buscam promover igualdade e gênero e diversidade.

Assim, os discursos das bolsonaristas fundamenta a oposição na crença religiosa de que os gêneros masculino e feminino são fixos, naturais e dados por Deus, reforçando a ideia de que qualquer questionamento a essa visão seria uma afronta aos valores religiosos. Frases como “Menina veste rosa, menino veste azul” foi popularizada em discursos políticos conservadores no Brasil, reforçando uma distinção binária entre os sexos e rejeitando a neutralidade de gênero. Além disso, simboliza uma visão tradicionalista dos papéis de gênero baseados em normas culturais.

Os discursos também conectam o debate de gênero à proteção infantil, sugerindo que discussões sobre gênero ameaçam a inocência ou segurança das crianças. Representa uma estratégia retórica comum para mobilizar emocionalmente os defensores de pautas conservadoras, reforçando um discurso moralizador sobre o papel das instituições como a escola. Assim, refletem também o desejo de substituir pautas progressistas por ideologias que sustentem uma hierarquia de valores conservadores.

Diagrama 4. Pautas contra a “Doutrinação Ideológica”.



Fonte: Postagens e comentário do grupo MCB — Elaborado pelos autores (2024).

O discurso de “doutrinação ideológica” é utilizado para deslegitimar práticas pedagógicas que promovam pensamento crítico ou valores progressistas. Esses discursos, com forte apelo emocional e ideológico, visam sustentar a narrativa de que a educação estaria sendo instrumentalizada para fins políticos alinhados à esquerda.

A defesa do “Escola sem partido” reflete uma proposta política defendida por setores conservadores, que visa proibir o que consideram ser de viés político em sala de aula. Implica a ideia de neutralidade, mas desconsidera que a educação, por natureza, envolve valores e interpretações do mundo. Da mesma maneira, criminalizam professores e incentivam seus filhos a perseguirem tais professores. Para essas mulheres, os professores estão desviando sua função pedagógica para promover ideologias, especialmente progressistas, assim, reforçam a desconfiança sobre o papel do professor como formador de pensamento crítico.

Com um tom alarmista, essas mulheres ligam a educação a uma suposta “ameaça comunista”. Com isso, amplifica um discurso que polariza o ambiente acadêmico e retrata as instituições de ensino como inimigas da sociedade conservadora. Dessa maneira, minimizando a importância do espaço acadêmico como local de pluralidade e reflexão, ataca depreciativamente estudantes universitários, associando-os a comportamentos desviantes ou irresponsáveis.

Assim, o movimento “Mulheres com Bolsonaro” defende a pauta da “Escola sem partido” e a crítica à “doutrinação ideológica”, alinhando-se a uma visão de que a educação deve ser regulada para reforçar valores conservadores. Dessa forma, mobilizam mães e pais preocupados com a formação moral de seus filhos, apresentando a escola como um possível perigo à ordem familiar tradicional.

Diagrama 5. Pautas anticomunistas.



Fonte: Postagens e comentário do grupo MCB — Elaborado pelos autores (2024).

O diagrama 5 apresenta o anticomunismo como ideia central. Tais discursos, por meio de um apelo emocional, demonstram o medo do comunismo ameaçar valores religiosos, soberania nacional e estabilidade econômica, além de demonstrar preconceitos enraizados. “O comunismo odeia Deus” reforça



uma ideia de incompatibilidade entre comunismo e valores cristãos, enquanto “Nossa bandeira jamais será vermelha” exalta o patriotismo ao defender símbolos nacionais.

Tais discursos reduzem debates políticos e econômicos complexos a slogans polarizados, facilitando a reprodução em redes sociais e outros ambientes de comunicação em massa. A adoção desse tipo de narrativa pelo movimento MCB cumpre múltiplos objetivos:

1. Reforça uma identidade coletiva baseada na oposição a um “inimigo comum” (o comunismo).
2. Legitima discursos conservadores que também atravessam questões de gênero, como o antifeminismo e o combate às pautas LGBTQIAPN+, frequentemente associados à ideologia de esquerda.
3. Promove uma adesão emocional às causas sem questionamento crítico.

Assim, no contexto do movimento das mulheres bolsonaristas, os discursos anticomunistas funcionam como um alicerce ideológico para sustentar outras pautas conservadoras e polarizam debates.

CONCLUSÕES

O estudo sobre o movimento “Mulheres com Bolsonaro” revela como a intersecção entre religião, gênero e política se manifesta na contemporaneidade, especialmente no ambiente digital. Essas mulheres, ao se alinharem a uma visão conservadora, reafirmam valores tradicionais que perpetuam papéis de gênero pautados pela submissão feminina e pelo reforço da centralidade masculina. A mobilização delas em plataformas digitais, como os grupos no *Facebook*, evidencia uma apropriação estratégica do ciberespaço como território simbólico e político, onde discursos antifeministas e moralizantes são disseminados e fortalecidos.

O discurso dessas mulheres encontra base na interpretação literal das escrituras cristãs, que legitimam a hierarquização de gênero e restringem a atuação feminina a esferas que sustentem os valores patriarcais. Essa dinâmica reflete a instrumentalização da religião como sistema de controle social, moldando identidades, comportamentos e relações de poder. No contexto digital, essas narrativas ganham força, tanto pela capacidade de alcance das redes sociais quanto pelo apelo emocional que mobiliza uma base fiel em torno de valores que associam moralidade, família e nação.

A análise também destaca o papel da religião como elemento central na construção de territorialidades conservadoras. No ciberespaço, essas mulheres constroem ciberterritórios que funcionam como espaços de resistência às pautas progressistas, reafirmando uma identidade coletiva baseada na



submissão a valores cristãos e na oposição a movimentos feministas e LGBTQIAPN+. Nesse sentido, sua atuação transcende o espaço digital, influenciando práticas e valores sociais que impactam diretamente a esfera pública e privada.

A Geografia da religião e os estudos de gênero, ao questionarem as dinâmicas de poder e exclusão presentes nestes contextos, oferecem ferramentas cruciais para compreender os processos de formação de identidades e territórios. Essa abordagem interdisciplinar contribui para desvelar como a religião e o gênero operam como categorias fundamentais na organização dos espaços sociais, revelando desigualdades naturalizadas e propondo caminhos para uma sociedade mais inclusiva.

Entretanto, a pesquisa em tempos de cibercultura e neoconservadorismo apresenta desafios significativos para os geógrafos e geógrafas. A volatilidade das redes sociais, a polarização dos discursos digitais e a resistência à abordagem críticas tornam o ambiente de pesquisa mais complexo e dinâmico. Além disso, a emergência de ciberterritorialidades conservadoras demanda metodologias inovadoras que dialogue com fluidez e a multiplicidade de interações presentes no ciberespaço.

Por fim, compreender a interação entre religião, gênero e política no contexto digital não é apenas uma tarefa acadêmica, mas uma necessidade urgente diante dos impactos que essas dinâmicas exercem sobre a organização da sociedade contemporânea. Cabe aos estudiosos dessas áreas o desafio de propor análises que ampliem o debate público e contribuam para a construção de um conhecimento que em frente às desigualdades e promova a democratização dos espaços, sejam eles físicos ou digitais.



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, I. M. O gênero em Geografia. Introdução de um novo tema. *Finisterra, [S. l.]*, v. 25, n. 50, 1990. DOI: 10.18055/Finis1924. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1924>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- BECK, Ulrich. *La société du risque: sur la voie d'une autre modernité*. Paris: Aubier, 2001.
- BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. 200p.
- BONNEMAISON, Joël (2012). *Viagem Em Torno Do Território*. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: Uma Antologia*, Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.344p.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.
- CARVALHAL, Márcia Maria Britto Pimentel. *A territorialidade e a dimensão participativa na ciberdemocracia: o caso do fórum social mundial*. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 1 v.
- CLAVAL, Paul. *Religion et idéologie: Perspectives géographiques*. Paris: Press de l'Université Paris-Sorbonne, 2008. 235p.
- DOMOSH, Mona; SEAGER, Joni. *Putting women in place: Feminist geographers make sense of the world*. New York: Guilford Publications, 2001.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 230p.
- DURKHEIM, Émile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. 647p.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.178p.
- FAUSTINO, André. *Fake News e a liberdade de expressão nas redes sociais na sociedade da informação*. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito da Sociedade da Informação, Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (1989).
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GILMORE, Ruth Wilson. *Golden Gulag: Prisons, Surplus, Crisis, and Opposition in Globalizing California*. [S. l.]: University of California Press, 2007. 413 p.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação & Realidade, [S. l.]*, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. 340p.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. 127 p.
- MASSEY, Doreen. *Space, place, and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. 280 p.
- MCDOWELL, Linda. *Gender, Identity, and Place: Understanding Feminist Geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, 284p.
- MCKITTRICK, Katherine. *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*. [S. l.]: University of Minnesota Press, 2006.
- MILLS, Charles Wright. *A Imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.
- MONK, Janice; HANSON, Susan. *On not excluding half of the human in human geography*. *The Professional geographer: the journal of the Association of American Geographers*, v. 34, n. 1, p. 11–23, 1982.



- ISER. Mulheres evangélicas para além do voto: concepções sobre política e cotidiano. *Religião e Poder*. 2022. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/mulheres-evangelicas-para-alem-do-voto-concepcoes-sobre-politica-e-cotidiano/>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- NORTON, William. *Cultural Geography: Themes, Concepts, Analyses*. Oxford University Press, 2000. 390p.
- OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de. *O on e o off da fé na hipermodernidade: a religião e as novas interfaces do sagrado na era 2.0: O exemplo no Vale do Paraíba (SP)*. 2017. 262 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992. 230p.
- OVERBY, Eric. Process virtualization theory and the impact of information technology. *Organization science*, v. 19, n. 2, p. 277–291, 2008. Disponível em: <https://pubsonline.informs.org/doi/10.1287/orsc.1070.0316>.
- PAVEAU, Marie-Anne. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann Éditeurs, 2017. 207p.
- PAZERES, Alexandre de Jesus dos. Fundamentalismo, Bíblia e Relações de Gênero. *Revista Eletrônica Correlatio*, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 63-85, 24 set. 2021. <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v20n1p63-85>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas%20metodista/index.php/COR/article/view/1035949/7889>. Acesso em: 30 set. 2022.
- ROSE, Gillian. *Feminism & Geography: the Limits of Geographical Knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Introdução à Geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp. 187-226.
- ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. 118 p.
- ROSENDAHL, Zeny. TEMPO E TEMPORALIDADE, ESPAÇO E ESPACIALIDADE: A TEMPORALIZAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO. *Espaço e Cultura*, [S. l.], n. 35, p. 9–26, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/18902>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- ROSENDAHL, Zeny. *Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- ROSENDAHL, Zeny. *Uma procissão na Geografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. 408 p. (Geografia Cultural). Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wy7ft>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- ROSSINI, Rosa Ester. GEOGRAFIA E GÊNERO: A MULHER COMO FORÇA DE TRABALHO NO CAMPO. *Revista Informações Econômicas*, São Paulo. v23. p. 1–13, 1993.
- SILVA, Guilherme Carvalho da. *O ciberespaço como categoria geográfica*. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- SILVA, Joseli Maria. UM ENSAIO SOBRE AS POTENCIALIDADES DO USO DO CONCEITO DE GÊNERO NA ANÁLISE GEOGRÁFICA. *Revista de História Regional*, v. 8, n. 1, 1 jan. 2003.
- SILVA E MICHÉLE TANCMAN, C. A. F. DA. A Dimensão Socioespacial do Ciberespaço: Uma nota. *GEOgraphia*, v. 1, n. 2, p. 55-66, 16 set. 2009.
- SOUZA, Sandra Duarte de. *Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 122-130, dez. 2004. [Http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2004000300014](http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2004000300014). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300014>. Acesso em: 30 set. 2022.
- STALOCH, Rubens; REIS, Clovis. A mediação das relações sociais nas redes sociais virtuais: do ciberespaço ao ciberterritório. *Estudos em Comunicação*, [S.L.], n. 20, p. 31-52, 18 dez. 2015. Universidade da Beira Interior. <http://dx.doi.org/10.20287/ec.n20.a02>. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/20/pdf/ec-20-02.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- TONINI, Ivaine Maria. *Identidades capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros de Geografia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- TRINDADE, Luiz Valério. *Discurso de ódio nas redes sociais*. São Paulo: Jandaíra, 2022. 176 p. (Feminismos Plurais).
- VALENTINE, Gill. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. *The Professional Geographer*, v. 59, n. 1, p. 10–21, fev. 2007.



VELEDA DA SILVA, Susana Maria. GEOGRAFIA E GÊNERO/GEOGRAFIA FEMINISTA O QUE É ISTO? Boletim Gaúcho de Geografia, v. 23, p. 105–110, [s.d.].

WEBER, Max. Economia y Sociedad: Esbozo de sociología comprensiva. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1964.1195p.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Le sacré. Paris: PUF, 1996